

E por falar em lucros... Telefone de Teclas  gradiente

CONGRESSO

Sarney acha possível o entendimento

por Márcio Chaer
de Brasília

O governo sentou-se ontem à mesa de negociações, acedendo ao convite que lhe foi formulado pelo maior partido de oposição, na semana passada. Num pronunciamento de cinquenta minutos, o senador José Sarney, presidente do PDS, respondeu um a um os treze tópicos do discurso feito na Câmara, por Ulysses Guimarães, presidente

do PMDB. Sarney, que, na quarta-feira, após encontro com o presidente Figueiredo — com quem se reuniu para acertar os termos do discurso — informou que sairia "namoro", produziu uma fala amistosa e conciliatória.

O senador afastou a possibilidade de mudança de regras no processo sucessório e da convocação de uma Assembleia Constituinte, mas anunciou serem viáveis as proposições

de reformas tributárias, constitucional e fiscal junto à tese de formulação de uma política de emprego. Os demais sete itens: retomada do desenvolvimento econômico, elevação do salário médio real, aumento da eficiência do setor estatal, restrição do Estado no mercado de capitais, intensificação da ação do Estado no campo social e cultural, fortalecimento da pequena e média empresa e restauração do mercado in-

terno foram recebidos como "negociáveis".

DIVERGÊNCIAS

Sarney disse que não se contorna problemas "escolhendo culpados", dirigindo-se aos políticos do PDT, PT e PTB, para que não se penam em "estéries divergências". A maior parte de seu discurso, entretanto, Sarney reservou para os números. Exibindo cifras portentosas, ele comparou o Brasil

do passado com o atual e com outros países, como o Japão que, em alguns aspectos, é, literalmente, "humilhado" pelo Brasil.

Citando em diversos pontos o discurso de Ulysses, o presidente João Figueiredo e mesmo idéias do economista Celso Furtado, que foi quem formulou o eixo econômico da proposta oposicionista, o senador pedessista acentuou que "ninguém renuncia às suas posições, mas ninguém aceita imposições".

A contra-proposta de Sarney foi muito bem recebida pelo PDS. O deputado da ala dissidente "Participação", Israel Pinheiro Filho, qualificou-a de "um hino ao entendimento", enquanto o senador Murilo Badaró considerou que "se os políticos não caminharem para o entendimento agora será sinal de que não haverá mais chances".

OPosição

Na oposição, o mesmo desdém, típico de quem negocia, demonstrado pelo PDS após o discurso de Ulysses, foi detectado. O presidente do PMDB protestou contra a má interpretação dada ao seu pronunciamento, pois, ao contrário do que citara Sarney, ele garantiu que não defendera o rompimento com o FMI, mas com "os acordos de ajuda ampliada que permitem ingerência na soberania nacional". Ulysses aceitou também a



José Sarney

que, no entanto, concorda com o senador Severo Gomes (PMDB-SP), quando este afirma que "a questão fundamental é a disposição manifestada de negociar" e que as correções de rumo serão feitas no decorrer dos entendimentos para o que já há um clima favorável, apesar das divergências históricas dos dois partidos.

defesa que o pedessista fez do colégio eleitoral que indicará o sucessor de Figueiredo: "A comparação com os mecanismos aplicados na Inglaterra é incorreta. Nada tem a ver com a usurpação desse colégio que se sobrepõe a 50 milhões de brasileiros aptos a votar".

O senador Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), foi além: "O presidente do PDS sofismou na sua exposição econômica. Propusemos ganhos de produtividade pressupondo a retomada do desenvolvimento econômico e ele quis fazer crer que o adicional de produtividade que sugerimos foi nas condições atuais". Fernando Henri-